

## MALINALLI: A RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA PERSONAGEM HISTÓRICA

Ana Cristina dos Santos  
Renata Martuchelli Tavela

### Considerações iniciais

Nascida no seio de uma família nobre, Malinalli Tenepal - conhecida também como La Malinche - foi escravizada depois da morte de seu pai. Anos mais tarde, foi dada de presente ao conquistador Hernán Cortés e como conhecia a língua maia e a náhuatl (língua dos astecas e da maioria dos povos do centro do México) converteu-se em sua intérprete, garantindo a comunicação dos espanhóis com os povos indígenas. Logo, foi pessoa de confiança para o conquistador e, finalmente, sua amante. Por essa união com o estrangeiro, séculos mais tarde, a índia passou a ser conhecida, principalmente entre os mexicanos como *La Chingada* ou a *grande traidora* de sua raça.



Cortés y la La Malinche

Entre os mais diversos autores, há divergências de opiniões sobre esta figura histórica. Os discursos historiográficos canônicos apresentam a índia como traidora, pois foi quem conduziu as negociações entre o conquistador espanhol Hernán Cortés e os líderes indígenas e, portanto, entregou o povo mexicano aos estrangeiros.



#### **La Malinche**

Os periféricos a consideram uma personagem preponderante na Conquista mexicana, pois sem a sua intervenção não haveria comunicação entre os povos. Mal compreendida, recaiu sobre suas ações a culpa pela conquista do povo asteca e o fracasso do imperador asteca Moctezuma II que não foi capaz de defender o seu povo. Dessa forma, a índia é uma personagem histórica que, ainda nos dias atuais, provoca divergências de opiniões entre os autores e carrega o estigma de traidora de seu povo.

Com o intuito de despir o traje de traidora que Malinalli ganhou ao longo dos séculos, Laura Esquivel, escritora mexicana, realiza em sua narrativa *Malinche* (2006) o resgate dessa personagem histórica renegada tanto pela historiografia oficial espanhola quanto pela hispano-americana. Assim, a proposta de nosso trabalho é verificar como se reconstrói a identidade da personagem através do conceito de metaficção historiográfica com o objetivo de eximi-la da culpa do massacre de seu povo e, conseqüentemente, da idéia de passividade frente ao estrangeiro que persevera na cultura mexicana. Para tanto, discute-se também como se produz a tensão entre os discursos

canônicos e periféricos sobre a figura da índia, com o objetivo de resgatar essa figura ex-cêntrica da historiografia oficial

Para contextualizar o ambiente político-social antes e durante o período da Conquista de México recorremos aos cronistas Bernal Díaz de Castillo (1989) y Hernando Alvarado de Tezozómoc (2008). Com o intuito de compreender o papel da literatura na historia a Walter Benjamin (1994) e a Linda Hutcheon (1991). Para discutir a literatura testemunhal e a literatura feminina hispano-americana nos valem de Donald Shaw (1999) e Ana Cristina dos Santos (2008). Analisamos Margo Glantz (2008) e mais uma vez aos cronistas da conquista para indicar a relevância de Malinalli na Conquista. E, por último, para compreender o rechaço do povo mexicano à índia Malinalli e promover um contraste de opiniões a respeito de essa personagem, ao ensaísta e poeta mexicano, Octavio Paz (1984).

### ***O papel da literatura na história***

A obra de Esquivel insere-se na literatura de testemunho ao tratar de “descripciones hechas por testigos oculares de acontecimientos [...] que representan a grupos sociales involucrados en una situación histórica particularmente significativa” (SHAW, 1999, p. 254). Esse tipo de narrativa procura apresentar a realidade histórica e social desde a visão dos setores oprimidos da sociedade. Assim, a obra compromete-se em revelar, através da vida da índia Malinalli o outro lado da conquista mexicana, na qual a índia teve participação ativa. Nesse ponto a obra aproxima-se do conceito de metaficção historiográfico de Hutcheon (1991).

O conceito tem por intenção de problematizar o fato histórico concebido como *verdade* absoluta e, portanto, inquestionável. Para a autora canadense (1991, p. 157), só se conhece o passado através do discurso. Desse modo, tanto a escrita da história como a da ficção partem da verossimilhança. A História volta às ruínas do passado, como denomina Benjamin (1994) e escolhe uma parte da verdade, a verdade parcial, para recontar às gerações futuras como uma *Verdade* absoluta. O método ficcional historiográfico revela “abertamente que só existem *verdades* no plural e jamais uma só Verdade [...]” (HUTCHEON, 1991, p. 146). Reescrever o passado na ficção constitui um

processo semelhante ao da escrita da História: ambos se dirigem ao passado numa tentativa de reavaliá-lo e reconstruí-lo no presente. Porém, enquanto a História dá voz à classe dominante, a metaficção historiográfica questiona as referências do passado. Dá voz a segmentos até então silenciados pelas narrativas oficiais, através de protagonistas ex-cêntricos, marginalizados, periféricos, ou seja, resgatando personagens que revelam uma identidade escondida até então pela tradição ficcional, a fim de conscientizar o leitor, por meio da reflexão, sobre outra forma de “ver a história”.

Dessa forma, o conceito de ruína de Benjamin é importante para compreender o resgate das figuras ex-cêntricas. Segundo Walter Benjamin, a literatura movimenta os fatos históricos através da historicidade, o historicismo (BENJAMIN, 1994, p. 231). Esta historicidade faz com que os fatos não sejam contados linearmente, tal como o faz a historiografia oficial, mas simultaneamente: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agora” (BENJAMIN, 1994, p. 229); ou seja, é um tempo em aberto, sempre com uma possibilidade de transformação. Para o teórico (1994, p. 225) a historiografia oficial culmina por ignorar aos vencidos, enaltecendo unicamente os vencedores, como se a história fosse feita exclusivamente por eles e não por todas as pessoas que também foram testemunhas, atores e sujeitos.

O historiador deve debruçar-se sobre as lacunas do passado em busca do não dito, do que está sob as ruínas da História Oficial – a história dos vencidos, dos que nunca puderam figurar no palco principal -, porque essa produz uma historiografia que valoriza apenas os fatos ligados às conquistas dos vencedores. Para o autor, deve-se voltar a esse passado de ruínas para recontar as histórias de exclusão. Dessa forma, a literatura de testemunho objetiva incluir no cânone e na história os grupos excluídos. Esse é o caso da história da Índia Malinalli, renegada a um segundo plano pela historiografia oficial, mas resgatada na novela.

### **A figura da Índia Malinalli nos discursos periféricos e canônicos**

A primeira referência sobre a importância da índia Malinalli, encontra-se na crônica de Bernal Díaz de Castilho (1989), cronista espanhol que conta a Conquista mexicana segundo a visão de um soldado. Nela, mostra como uma índia se converteu em *a língua*<sup>1</sup> de Hernán Cortés ao tornar-se sua intérprete e representante dos interesses espanhóis nas negociações com os astecas. Passou a ser intérprete por ser a única pessoa que dominava as três línguas utilizadas na região: a maia, a *náhuatl*<sup>2</sup> e a castelhana. Desde esse momento, ela já não era uma simples índia escrava e sem relevância, mas um soldado ativo e decisivo, no processo da Conquista.



Entretanto, a crônica de Díaz de Castilho (1989), mostra Malinalli sem voz ativa na Conquista, sendo somente uma intermediária entre os astecas e os espanhóis. Os acontecimentos são pelo narrador ou por Cortés, já que a índia não tem voz e tampouco é a personagem principal. Todos os acontecimentos passam pela subjetividade do cronista. Tal fato é compreensível, pois em uma sociedade patriarcal e colonizada a mulher era passiva e sem voz. Contribui para a sua passividade o fato de ser índia, uma classe social vista como inferior pelos europeus. Assim, a figura de Malinalli não podia ser enaltecida por completa, pois ela pertencia a um povo colonizado. Entretanto, por suas ações contribuírem para o sucesso da conquista, o cronista sempre a mencionava.

A crônica de Díaz de Castilho se diferencia das escritas pelos outros cronistas espanhóis, porque nomeou Cortés como o *capitão Malinche* – senhor de Malinalli - apelido dado pelos indígenas ao conquistador e como estes o chamavam. Dessa forma, o cronista<sup>3</sup> assumiu o ponto de vista dos

conquistados, embora fosse espanhol e cristão. Apresentou um discurso periférico e considerou a Conquista como um feito coletivo: de Hernán Cortés, dos soldados e da índia Malinalli.

O também cronista Hernando Alvarado de Tezozómoc (hipertexto: 2008), historiador índio e descendente de Moctezuma II também realça a figura de Malinalli. Para ele, a índia é uma das figuras principais da Conquista, pois se destacou dos demais indígenas da época, sendo merecedora da admiração do senhor de México, Moctezuma II, por suas habilidades com a língua desconhecida (a castelhana).

Na cultura indígena, a mulher também era submetida ao domínio masculino. Somente era valorizada quando possuía algum poder especial, o que era geralmente associado às deusas. Dessa forma, Tezozómoc assemelhou à índia a uma deusa, pois ela podia falar a língua dos espanhóis e interagir entre o mundo indígena e espanhol. Em sua crônica, Malinalli tem voz e participação nos fatos narrados - contrário à crônica de Díaz de Castillo. Tal fato se deve porque o cronista escreveu sob a visão dos vencidos (grupo do qual fazia parte), valorizando assim, a história e as personagens de seu grupo social e consequentemente, os não mencionados pela historiografia oficial.

A teórica mexicana Margo Glantz (2008) busca desmistificar a figura da índia Malinalli. Através do resgate das crônicas dos conquistadores, mostra que a índia não foi discriminada nem pelos autores espanhóis nem pelos indígenas, mas valorizada por apresentar um papel relevante no processo da Conquista. Para a autora (2008: 3), a importância de Malinalli deve-se ao fato de que ela foi muito mais que a "língua" de Cortés, foi uma *faraute*, uma espécie de intérprete de ambas as culturas, já que ela era a encarregada de traduzir e explicar ao conquistador, a maneira de pensar, os costumes e as crenças daqueles povos do Vale de México.

Santos (2008: 148), focalizando o poder da palavra e a ruptura do discurso canônico pela literatura escrita por mulheres, também compartilha da ideia de que a índia teve uma importante participação na Conquista:

De esta forma, Esquivel muestra que es Malinalli y no Cortés quien descubre México y la cultura azteca. Lo que conocemos hoy de la

conquista mexicana y de la cultura azteca, es una invención de la india Malinalli y no de los españoles.

Ou seja, tudo o que até então conhecíamos sobre a conquista do México era produto de uma visão canônica, de um modelo que privilegiava a escrita e ignorava o discurso oral - a voz dos vencidos. Estes, pertencentes a uma sociedade que valorizava mais a fala, seriam sempre marginalizados pela história oficial que privilegiava a escrita. A partir do momento que a narração dá voz a índia, observa-se uma ruptura desse discurso canônico, pois a obra, em suas entrelinhas, revela que o verdadeiro descobridor e conquistador de México foi Malinalli, que dominou o poder da palavra nos dois mundos. A palavra, naquele contexto era muito mais relevante que a escrita, pois tinha o poder de criar mundos. Destarte, o poder estaria com quem dominasse a palavra, nesse caso, a índia Malinalli.

Em contraposição a essas opiniões, encontra-se Octavio Paz (1984), que analisou a índia Malinalli como um mito, ao relacioná-la com a figura de *La Chingada*<sup>4</sup>, "que representa a atroz encarnação da condição feminina": a passividade. Relaciona a figura da índia à figura da entrega do nacional ao estrangeiro sem nenhuma resistência. Associa a entrega de Malinalli a Cortés com a valorização do estrangeiro em detrimento do nacional. Essa idéia contribui para ratificar e perpetuar na cultura mexicana a figura de Malinalli como a que entrega o povo mexicano - os astecas - ao estrangeiro - o espanhol - e aceita passivamente essa entrega. Para Paz, a entrega da "Chingada" conduziu a perda da identidade do mexicano. Atribui à índia a culpa pela perda da cultura asteca. Desse modo, em uma sociedade em que o masculino, o europeu e o cristão ainda são valorizados ou por muito tempo foram acentuados, as figuras femininas e indígenas são marginalizadas.

Na concepção de Paz (1984, p. 80), o povo mexicano não perdoa a Malinche porque ela encarna o aberto, condição natural feminina, que ao entregar-se, se abre. A figura da índia traz ao presente fantasmas interiorizados de um passado que os mexicanos não querem lembrar, pois desejam apenas serem eles mesmos, sem a interferência do estrangeiro e, para conseguir essa

identidade, necessitam negar o seu passado e esquecer o que representa e representou a figura Malinalli na história do México.

Para Paz, essa visão demonstra o quanto os mexicanos são seres herméticos e com uma predisposição a violação, por serem filhos de uma Mãe que representa *o nada*, que carece de nome, de rosto e de identidade. Ser *filho da Malinche* é guardar uma situação periférica. Logo, a nação e seu povo só podem ser eles mesmos e conseguirem superar o estigma da vulnerabilidade para seguirem rumo ao progresso ao se esquecerem de sua mãe: a Chingada.

### ***A palavra e o poder***

Esquivel (2006, p.42) para valorizar a figura de Malinalli e contrapor com a representação construída por Paz ressalta a importância que teve a palavra na Conquista do México em contraposição à escrita. Destaca o processo de conscientização de Cortés acerca do poder da palavra falada, pois essa faria toda a diferença para o sucesso de sua empresa, muito mais que o uso das armas:

Estos indígenas eran civilizados, muy diferentes a aquellos de La Española y Cuba. Los cañones y la caballería surtían efecto entre la barbarie, pero dentro de un contexto civilizado lo ideal era lograr alianzas, negociar, prometer, convencer, y todo esto sólo podía lograrse por medio del diálogo, del cual se veía privado desde el principio.

Por esse motivo, Cortés precisa de uma pessoa de confiança que sirva de intérprete da língua e cultura que não domina. Como a índia Malinalli sabia a língua náhuatl e havia aprendido a língua espanhola, além de ser uma mulher de "buen parecer y entrometida y desenvuelta" (DÍAZ DE CASTILLO, 1989, p. 176) foi a escolhida para tal ofício.

Partindo dessa perspectiva, pode-se afirmar que tudo o que era transmitido a Cortés passava pela subjetividade de Malinalli. Como as diversas formas discursivas estão impregnadas de ideologias que transmitem os mecanismos de poder, era ela quem detinha o poder na Conquista:

Ella nunca había experimentado la sensación que generaba estar en el mando. Pronto aprendió que aquel que maneja la información, los significados, adquiere el poder, y descubrió que al traducir, ella dominaba la situación, y no sólo eso, sino que la palabra podía ser un arma. La mejor de las armas. (ESQUIVEL, 2006, p.72)

Cabe mencionar que durante aquela época, a índia Malinalli foi a única mulher que se destacou no campo político, pois por ser intérprete ascendeu a um poder que nunca teria na esfera social em que vivia. Sua condição de escrava jamais a permitiria uma participação efetiva nos acontecimentos. Malinalli ascende a um posto semelhante ao de Cortés na Conquista mexicana porque foi capaz de influenciar nos acontecimentos ao dar-lhes outras interpretações ou ao acrescentar no discurso palavras não ditas por ambas as partes (asteca e espanhola):

No sólo se trataba de decir o no decir, o de sustituir un nombre por otro, sino que al hacerlo, se corría el riesgo de cambiar el significado de las cosas. Al traducir, Malinalli podía cambiar los significados e imponer su propia visión de los hechos y, al hacerlo, entraba en franca competencia con los dioses, lo cual la aterrorizaba. (ESQUIVEL, 2006, p.73)

### ***Cortés e Malinalli***

Na literatura de testemunho, o narrador tem uma visão pessoal e, portanto, subjetiva dos acontecimentos. Tal fato apresenta-se na novela durante toda a narrativa ao se ressaltar o emocional dos personagens, principalmente o de Cortés e de Malinalli, desde a infância, a relação com seus pais até o momento da Conquista. Tal artifício tem a intenção de aproximar os personagens do leitor e humanizá-los.

A narrativa apresenta como predestinado o encontro de Malinalli com Cortés. Suas vidas possuíam as mesmas coincidências até se entrecruzarem. Ambos foram magoados pelos pais - Cortés pelo fato de ter sido uma criança frágil, um homem de pouca estatura, muito aquém das expectativas de seus pais e da sociedade da época e Malinalli por ter sido vendida pela sua própria mãe, depois da morte de sua avó paterna. Por isso, ambos queriam vencer na vida, ultrapassando todas e quaisquer adversidades. Sob as justificativas por parte de Cortés de catequizar e expandir o domínio da Coroa Espanhola e de Malinalli de salvar os povos do vale de México da tirania dos astecas (senhores daquelas terras e que praticavam o culto do sacrifício humano) havia em ambos um objetivo pessoal: destacar-se na sociedade em que viviam.

Era un tiempo confuso en el que su tiempo y el de Cortés inevitablemente se entrecruzaban, se enlazaban, se amarraban.[...] Era

una unión obligada que ella no había decidido pero que parecía marcarla para siempre. (ESQUIVEL, 2006, p.121)

Com isso, a participação da Índia na Conquista é comparada a de Cortés: ele foi o capitão da empresa, mas ela foi a dona do discurso, pelo seu ofício de *faraute*. A narrativa estabelece entre os dois personagens uma relação de troca, não só material, mas também espiritual, pois um contava com a ajuda e a proteção do outro.

Ao cruzar-se, a vida dos dois personagens se conecta totalmente. O "mundo interior" de Malinalli e de Cortés se transforma em um "novo mundo" que surge da junção do mundo indígena com o mundo europeu, não sendo mais possível deter o caminhar dos acontecimentos. Assim, quando Malinalli percebe que os espanhóis não eram a encarnação do deus Quetzalcóatl, e tampouco a salvação de seu povo, mas a destruição do mundo indígena sente-se confusa: "Malinalli pensaba em su abuela, en lo afortunada que había sido al no ver la destrucción de su mundo, de sus dioses. Estaba confundida. Se sentía culpable y responsable de lo acontecido".(ESQUIVEL, 2006, p.148). Com isso, a narrativa mostra como a personagem sofre pela incerteza de suas ações com o objetivo de o leitor se compadecer da situação vivida pela Índia e refletir sobre o quanto era difícil para ela a união com o outro que trazia em suas mãos a destruição do povo ao qual pertencia.

Essa confusão é vivida também por Cortés que, como a Índia, arrependeu-se de toda a destruição imposta por ele próprio em nome de uma causa pessoal: "Lo peor era que, en cuanto tenía tiempo para pensar en sí mismo, los sentimientos de culpa lo atacaba. No sabía si había sido lo correcto destruir tanta pirámide, quemar tantos códices". (ESQUIVEL, 2006, p.121)

Ao revelar o mais íntimo de seus personagens, a narrativa destaca o lugar comum do feminino, a maternidade: como foi e o que representou o nascimento do filho de Malinalli com Cortés - Martín - fruto da união entre conquistador e conquistado. Descreve a felicidade da Índia por estar grávida e sua consciência do que representaria seu filho para a nova sociedade que se formava: Martín foi o primeiro mestiço, e por consequência, o primeiro

mexicano; “[...] Sabía que en su vientre latía el corazón de un ser que iba a unir dos mundos” (ESQUIVEL, 2006, p. 151).

A narradora mostra que os laços que uniam Malinalli a Cortés são enfraquecidos quando a Índia percebeu que Cortés a considerava apenas como um instrumento útil para a conquista dos povos indígenas. O conquistador espanhol, ao separar mãe e filho, mostrou que não se importava com os sentimentos da Índia. A partir desse ponto, a narrativa, que até o presente momento aproximava Cortés de Malinalli, separa-os, tanto fisicamente quanto espiritualmente. Nesse ponto, a narrativa ressalta a incompreensão de sobre o papel de Malinalli na Conquista. Ela foi muito mais que sua *faraute* e uma mulher submissa a ele, pois foi ela quem comandou todas as ações no processo da Conquista, justamente por possuir o dom de comunicar-se entre os dois mundos, de ser “a dona da palavra”. Assim destaca, como já havia feito o cronista Díaz de Castillo, que na Conquista do México não houve um único conquistador, mas vários, incluindo Malinalli e os soldados.

A obra mostra o processo de conscientização da Índia a respeito de o seu papel na Conquista, de que foi ela que formou a sociedade que nascia - o México. Essa consciência se materializa na narração quando do reencontro de Malinalli com sua mãe e seu irmão: “Tú te quedaste en lo viejo, en el polvo, en lo que ya no existe. Yo, en cambio, soy la nueva ciudad, la nueva creencia, la nueva cultura; e inventé el mundo en el que ahora estás parada” (ESQUIVEL, 2006, p.156).

A metaficção historiográfica criada por Esquivel acaba por inverter as relações de dependência entre o feminino e o masculino na época da Conquista, pois é Cortés que necessita a Malinalli. A Conquista do Novo Mundo somente ocorre porque Malinalli esteve presente e decidiu ajudá-lo, pois quando negou sua ajuda, restou ao conquistador somente a derrota: “Como resultado, la expedición a las Higueras fue un fracaso. La derrota de Cortés se hundía en el silencio. La realidad los regresaba vencidos” (ESQUIVEL, 2006, p.163).

A narração, em um movimento cíclico, tal qual a vida e os fatos históricos, termina como começara, descrevendo o início de uma tempestade,

mas agora, não pelo nascimento, mas pela morte de Malinalli. A escritora mexicana, em um paralelo à crônica do historiador indígena Tezozómoc que afirmara que uma mulher só se destacava na sociedade indígena quando possuía atributos de uma deusa, assemelha a figura de Malinalli a do deus Quetzalcóatl – principal deidade dentro do panteão da cultura pré-hispânica, sendo o mais venerado e respeitado do Vale de México. Encerra assim, o ciclo de uma vida: nascimento, vida e morte.

Malinalli, al igual que Quetzalcóatl, al confrontar su lado oscuro fue consciente de su luz. [...] En ese momento, un relámpago, una lengua de plata se dibujó en el cielo y anticipó una tormenta. Su luz iluminó la inmovilidad del cuerpo de Malinalli, quien había muerto segundos antes. Sus ojos fueron absorbidos por las estrellas, que de inmediato supieron todo lo que ella había visto en la tierra. (ESQUIVEL, 2006, p.189)

Ciclo de vida que recontado, transforma a índia em Malinalli – não mais em *Malinche*, nem *La Madre Chingada*, mas na mulher que viveu entre os dois mundos, sofreu pelas decisões tomadas e transcendeu sua época por sua participação ativa em uma empresa destinada apenas aos homens. Dando voz a Malinalli, colocando-a no centro do processo da Conquista, a obra de Esquivel conseguiu romper com o cânone, reconstruindo o discurso historiográfico oficial espanhol e hispano-americano e, conseqüentemente, construindo uma nova identidade para a índia. Mostra que ela não foi submissa, dependente e passiva frente ao domínio estrangeiro como determina o mito de *La Madre Chingada* que representa a eterna encarnação da passividade feminina. A recuperação de sua verdadeira participação na Conquista do Novo Mundo é importante para a compreensão de que um processo com essa dimensão, com tantos méritos e desgraças, não pode ser atribuída a uma única pessoa.

Foi essa figura desprestigiada da índia que Esquivel buscou resgatar. Reescreve a historiografia oficial com o objetivo de mostrar que Malinalli não é *La Malinche*, mas a mulher-índia que estabeleceu um papel fundamental no processo social, político e histórico da Conquista de México, pois foi ela quem dominou a palavra e o poder de criar a imagem de mundo que desejasse. Assim, Malinalli deve ser reconhecida e valorizada por ter sido a única mulher e índia – duas vezes marginalizada - que conseguiu, por meio da palavra, um

poder tão grande que a transformou, depois de mais de 500 anos passados, em um das figuras mais importante e enigmáticas da história mundial.

### Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de historia". In: --- *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouante. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-32.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *La historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. 17 ed. Madrid: Alianza, 1989.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. Buenos Aires: Suma, 2006.

GLANTZ, Margo. "La Malinche: la lengua en la mano". Disponível em: <[http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12371061997907182976402/p0000001.htm#I\\_0](http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12371061997907182976402/p0000001.htm#I_0)>. Acessado em 03/03/2008.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernism*:. História, teoria, ficção. Trad de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JENNINGS, Gary. *Orgulho asteca*. Tradução de Alexandre Raposo. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PAZ, Octavio. Os Filhos da Malinche. In: ---. *O laberinto da solidão e post scriptum*. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SANTOS, Ana Cristina. De Malinche a Malinalli: la ruptura del discurso. In: *Relações literárias internacionais: interseções e fricções entre fonias*. Org. SANTOS, Ana Cristina dos; ALMEIDA, Claudia; PONTES JR, Geraldo. Rio de Janeiro: De Letras/EDUFF, 2008. p.135-150.

SHAW, Donald. La narrativa testimonial y el postboom. In: ---. *Nueva narrativa hispanoamericana- Boom. Posboom. Posmodernismo*. Madrid: Cátedra, 1999. p. 253-76.

TEZOZÓMOC ALVARADO, Hernando. *La crónica mexicana* Disponível em: <<http://www.artehistoria.jcyl.es/cronicas/contextos/11502.htm>>. Acessado em: 12/06/2008.

### Notas

<sup>1</sup> Margo Glantz (hipertexto, 2008, p. 8) define "a língua" como uma pessoa que teve como ofício principal o de comunicar o que os outros dizem. No caso de Malinalli, intrometer em ambos os lados, intervindo na trama que Cortés construía no processo da Conquista.

---

<sup>2</sup> A importância do náhuatl se deve ao fato de que ela foi a língua do império asteca desde o século XIII até a sua queda em 13 de agosto de 1521. (JENNINGS, Gary, 2002, p. 13)

<sup>3</sup> A crônica oficial da Conquista do México foi escrita por Francisco López de Gómora, o cronista oficial das Índias.

<sup>4</sup> (PAZ, Octavio, 1984, p. 80) “É correto afirmar que se “A Chingada” é a mãe violada ou seduzida pela força, e essa passividade ao extremo, faz com que ela perca a sua identidade, confundindo-se com o nada, ser filho da Chingada, por conseguinte, é também carecer de identidade, é ser o nada.”